

## Considerações a partir do Discurso *O espiritismo é uma religião?* de Allan Kardec

Considerations from the Discourse *Is spiritism a Religion?* by Allan Kardec

Brutus Abel\*  
Luís Jorge Lira Neto\*\*

### Resumo

Este artigo é o resultado de uma análise estrutural do Discurso intitulado *O espiritismo é uma religião?*, proferido por Allan Kardec, em primeiro de dezembro de 1868, e publicado na Revista espírita - Jornal de estudos psicológicos, em dezembro do mesmo ano. Analisa o que um dos principais teóricos da mediunidade compreende por comunhão de pensamento e por religião, assim como os motivos que o conduziram a identificar o espiritismo — doutrina que ele editou a partir das supostas e diversas mensagens que recebeu do mundo espiritual — como uma religião no sentido filosófico, sendo que antes o identificava, quase exclusivamente, como uma ciência e doutrina filosófica e não como uma religião. Conclui que, para Kardec, o espiritismo poderia ser aceito por qualquer pessoa, independente de sua filiação religiosa, devendo sempre se manter coerente com o desenvolvimento científico.

**Palavras-chave:** Religião. Filosofia. Espiritismo. Pensamento. Identidade.

### Abstract

This article is the result of a structural analysis of the Discourse entitled *Is Spiritism a Religion?*, pronounced by Allan Kardec on December 1, 1868, and published in the Spiritist Review - Journal of Psychological Studies, in December of the same year. It analyzes what one of the main theorists of mediumship understood by communion of thought and by religion, as well as the reasons that led him to identify Spiritism — the doctrine he published based on the supposed and diverse messages he received from the spirit world — as a religion in the philosophical sense, whereas before he had identified it almost exclusively as a science and philosophical doctrine and not as a religion. It concludes that, for Kardec, Spiritism could be accepted by anyone, regardless of their religious affiliation, and should always remain consistent with scientific development.

**Keywords:** Religion. Philosophy. Spiritism. Thought. Identity.

---

Artigo submetido em 27 de novembro de 2023 e aprovado em 03 de agosto de 2024.

\* Doutor em filosofia pela FFLCH-USP. Professor do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), São José dos Campos. São Paulo, Brasil. País de origem: Brasil. E-mail: brutus@ita.br

\*\* Doutorando em Ciência da Religião. Mestre em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em Engenharia Elétrica pela Universidade de Pernambuco (1982). País de origem: Brasil. E-mail: luis.lira.al@gmail.com.

## Introdução

O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque.” (Rosa, 1994, p. 16).

Em não raras ocasiões, Allan Kardec defende a concepção segundo a qual o espiritismo não é uma religião, mas uma ciência. Uma ciência de observação, fundamentada pela relação entre vivos e mortos, e uma doutrina filosófica, teorização das consequências morais derivadas dessa relação (Kardec, 1859). O propósito de um dos principais fatores da mediunidade no século XIX é, com essa defesa, inequívoco: o diálogo com os Espíritos e as mensagens que estes aportam devem servir ao *aprimoramento espiritual* do ser humano. Afinal, trata-se de atualizar e de responder antigas e graves questões existenciais em uma sociedade que, apesar de ser profundamente cristã, desenvolve-se condicionada por um intenso processo de laicização: a existência e o destino, mais ou menos feliz ou infeliz, do Espírito imortal após a morte no mundo dos Espíritos; a sua perfectibilidade e o seu progresso inevitável através de sucessivas reencarnações, neste e em outros mundos; a existência de Deus, eterno e imutável, causa de todas as coisas, soberanamente justo e bom.

Em resposta ao artigo do abade François Chesnel, intitulado *Uma nova religião em Paris* e publicado no periódico *O universo - União católica*, em 13 de abril de 1859, no qual o espiritismo (ou espiritualismo) é caracterizado como mais uma nova religião, como, entendemos, mais uma concorrente do catolicismo, Kardec é enfático:

O espiritismo não é, pois, uma religião: de outro modo, teria seu culto, seus templos, seus ministros. Cada um pode, sem dúvida, fazer uma religião de suas opiniões, interpretar a seu modo as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância, e creio que seria imprudência dar essa ideia. Em resumo, o espiritismo se ocupa da observação dos fatos, e não das particularidades

desta ou daquela crença, da pesquisa das causas, da explicação que esses fatos podem dar aos fenômenos conhecidos, na ordem moral como na ordem física, e não impõe um culto aos seus partidários, como a astronomia não impõe culto aos astros, nem a pirotecnia ao fogo. (Kardec, 1859, p. 136, tradução nossa).<sup>1</sup>

Apesar de assim conceber o espiritismo, Kardec não se furta em direcioná-lo ou tentar direcioná-lo a um *campo* de turbulentas discussões que, por tradição, “pertencem” às teologias e/ou soteriologias cristãs, sobretudo católicas, ao propor outra concepção do destino do Espírito e de justiça divina; o que facilmente incita a considerá-lo como uma religião. Esse direcionamento já se encontra nas obras espíritas inaugurais *O livro dos Espíritos* (a primeira e segunda edições datam respectivamente de 1857 e 1860) e *O livro dos médiuns* (a primeira edição data de 1861). Doravante, é com a publicação de obras como *O Evangelho segundo o espiritismo - Contendo a explicação das máximas morais do Cristo* (a primeira edição data de 1864), *O céu e o inferno - Ou a justiça divina segundo o espiritismo* (a primeira edição é de 1865) e, sobretudo, *A Gênese - Os milagres e as predições segundo o espiritismo* (a primeira edição data de 1868)<sup>2</sup> que Kardec ensaia direcionar o espiritismo a esse *campo* das discussões religiosas de um modo mais explícito, posicionando-se criticamente.<sup>3</sup> Embora afirme que essa ciência do espiritual “se ocupa da observação dos fatos”, o codificador e/ou os Espíritos da codificação<sup>4</sup> não apenas proclamam-na como fiel à moral evangélica, mas também como uma revelação específica, como sendo a *terceira revelação*, cumprimento das outras duas, mosaica e evangélica, como sendo o consolador prometido por Jesus Cristo, como, enfim, a grande reformadora e regeneradora tanto da cristandade europeia quanto de toda a humanidade.<sup>5</sup> E isso ante metafísicas ateístas e materialistas percebidas como crescentes e

<sup>1</sup> Le spiritisme n'est donc point une religion: autrement il aurait son culte, ses temples, ses ministres. Chacun sans doute peut se faire une religion de ses opinions, interpréter à son gré les religions connues, mais de là à la constitution d'une nouvelle Église, il y a loin, et je crois qu'il serait imprudent d'en donner l'idée. En résumé, le spiritisme s'occupe de l'observation des faits, et non des particularités de telle ou telle croyance, de la recherche des causes, de l'explication que ces faits peuvent donner de phénomènes connus, dans l'ordre moral comme dans l'ordre physique, et n'impose pas plus un culte à ses partisans que l'astronomie n'impose le culte des astres, ni la pyrotechnie celui du feu.

<sup>2</sup> Certa parte do que Kardec expõe em suas obras é antes exposto na *Revista espírita - Jornal de estudos psicológicos* (fundada em 1858).

<sup>3</sup> Um dos textos que mais evidenciaria esse “direcionamento” intitula-se *Caráter da revelação espírita, Capítulo I de A gênese - Os milagres e as predições segundo o espiritismo* (1868b), antes publicado como artigo na *Revista espírita* em setembro de 1867; ideias análogas também se encontram no artigo intitulado *Da revelação*, publicado na mesma revista em abril de 1866.

<sup>4</sup> Os termos codificador e codificação, apesar de não terem sido desenvolvidos por Kardec, tornaram-se de uso relativamente corrente.

<sup>5</sup> Kardec também especula, remetendo ao estilo positivista de se escrever história, sobre os períodos do espiritismo. Em um artigo intitulado *Período da luta* publicado na *Revista espírita* em dezembro de 1863, são seis em ordem cronológica: o período da curiosidade, o período filosófico, o período da luta, o período religioso, o período intermediário (sem denominação) e o período da renovação social.

encaradas como socialmente disruptivas.

## 1 Pensamento e comunhão de pensamento

Esse direcionamento também fez com que o espiritismo adquirisse, talvez já na França oitocentista, uma identidade epistêmica ambígua, para não dizer contraditória. Segundo o que se depreende de nossa própria experiência, essa ambiguidade se tornou um incômodo, quiçá um problema, que aflige a determinados adeptos do espiritismo, por vezes refratários às crenças e às práticas do cristianismo tradicional. O “argumento” segundo o qual o espiritismo não é uma religião porque não possuiria “culto, templos e ministros” talvez tenha mais sentido ao nos atentarmos que responde a um representante da igreja católica em um momento ainda tensionada pelo ultramontanismo. Mas por quase todos os prismas teóricos propostos pelas denominadas ciências humanas, apenas pela análise de seus textos ou apenas de suas práticas, à época de seu fundador ou à de médiuns e continuadores como os brasileiros Chico Xavier e Divaldo Franco, o espiritismo muito dificilmente não seria categorizado como, no mínimo, um fenômeno sobremaneira religioso.<sup>6</sup> Essa que talvez seja uma das poucas filosofias do “século da história” que permanece, sobretudo no Brasil, como um movimento vivo, talvez tenha se transformado não apenas em religião, mas em uma religião com grande carga emotiva e devocional.<sup>7</sup> Discursa sobre a existência de um mundo espiritual e uma moral objetiva, reproduz e atualiza ideias registradas em obras fundamentais, possui líderes carismáticos, instituições bem organizadas e rotina de atividades padronizadas, atrai adeptos que se engajam fervorosamente. Não é imune às controvérsias doutrinárias e às divisões políticas. A eventual dificuldade em aceitar essa identidade aparenta ser, portanto, mais interna, mais congênita, mais êmica, do que daqueles eventuais intérpretes não espíritas do espiritismo.<sup>8</sup>

Há, contudo, um grande e elaborado *Discurso*, proferido na *Sessão anual*

---

<sup>6</sup> Uma ampla e pormenorizada discussão sobre o aspecto religioso do espiritismo, em relação com os aspectos científico e filosófico, encontra-se na obra de Augusto César Dias de Araújo *Espiritismo, esta loucura do século XIX: ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec* (2016).

<sup>7</sup> Conferir as pesquisas de Aubrée e Laplantine (2009), Arribas (2010), Araújo (2016), Barros (2022) e Camurça (2022).

<sup>8</sup> Conferir a pesquisa de Giumbelli (1997).

comemorativa aos mortos<sup>9</sup>, na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*<sup>10</sup>, em primeiro de novembro de 1868, e publicado na *Revista Espírita - Jornal de estudos psicológicos*<sup>11</sup> em dezembro do mesmo ano, que contém uma tentativa de solucionar essa aparente ambiguidade. Intitula-se *Discurso de abertura pelo senhor Allan Kardec - O espiritismo é uma religião?*<sup>12</sup> (Kardec, 1868, p. 353-362). Nele Kardec principia refletindo estrategicamente sobre o pensamento e aquilo que ele denomina de *comunhão de pensamento*. Com esses dois difíceis conceitos, objetiva justificar a importância da prática das reuniões religiosas e/ou das que se realizam com religiosidade. Para nossos propósitos, decidimos tecer, a partir desse *Discurso*, duas considerações que se encerram tanto na dimensão ontológica quanto na social.

Ninguém pode ignorar que o pensamento seja uma força, mas é uma força puramente moral e abstrata? Não, pois do contrário não compreenderíamos certos efeitos do pensamento, e ainda menos da comunhão de pensamento. (Kardec, 1868c, p. 354, tradução nossa).<sup>13</sup>

*Primeira.* A doutrina espírita ensina que o pensamento — atributo que mais aproximadamente definiria, ou melhor, explicaria o Espírito, sempre muito difícil de ser representado por nossos recursos linguísticos — não se caracteriza por ser apenas um fluxo de signos internos, de lembranças, de raciocínios, de emoções, de *sentimentos*, mas também por ter a propriedade de transcender o próprio Espírito, sua origem, e agir *objetivamente* sobre si mesmo e outros, sobre fenômenos espirituais e fenômenos materiais. É o pensamento, explora Kardec,

[...] que distingue o espírito da matéria: sem o pensamento, o espírito não seria espírito. A vontade não é atributo especial do espírito, é o pensamento que atingiu um certo grau de energia; é o pensamento transformado em poder motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se ele tem o poder de agir sobre os órgãos materiais, quão maior esse poder não deve ser sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos aportam o pensamento, como o ar nos aporta o som.

<sup>9</sup> Em muitas tradições cristãs, o Dia de Todos os Santos, reservado à lembrança dos mártires e dos santos, é no dia primeiro de novembro; e o Dia dos Mortos, reservado à lembrança dos falecidos, é no dia 02 de novembro.

<sup>10</sup> Fundada por Allan Kardec em 1º de abril de 1858, a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* é considerada a primeira instituição espírita constituída. Para mais informações, conferir Florentino Barrera (2002).

<sup>11</sup> Publicada por Allan Kardec a partir de 1º de janeiro de 1858, a *Revista Espírita - Jornal de estudos psicológicos* se estabelece como um dos principais veículos de propagação do espiritismo oitocentista.

<sup>12</sup> Esse *Discurso* é um *desenvolvimento* e uma ampliação de um outro, proferido em 02 de novembro de 1864 e publicado na *Revista espírita* em dezembro do mesmo ano; intitula-se *Da comunhão do pensamento - A propósito da comemoração dos mortos*. Trechos de ambos também se encontram *desenvolvidos* na obra *A Gênese* (1868b), no item I - *Natureza e propriedade dos fluidos*, do *Capítulo XIV*, da parte *Os milagres*. Conferir também a pesquisa de Araújo (2016).

<sup>13</sup> Nul ne peut méconnaître que la pensée ne soit une force; mais est-ce une force purement morale et abstraite ? Non ; autrement on ne s'expliquerait pas certains effets de la pensée, et encore moins de la communion de pensée.

Podemos dizer, portanto, com toda verdade, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros. (Kardec, 1868c, p. 354, tradução nossa).<sup>14</sup>

Desencarnados ou em momentos de emancipação, inclusive encarnados, em certas circunstâncias e dada certas capacidades, a *comunicação* entre os Espíritos ocorre, segundo a doutrina espírita, via *pensamento*<sup>15</sup>, sem a mediação material de *línguas naturais* ou de outros sistemas de comunicação. Quando um Espírito pensa, ou ainda, habitua-se a pensar com constância e com *intenção moral* em uma pessoa ou em um grupo de pessoas, aqueles que dele se aproximam poderão perceber ou sentir o que este pensa e sente, poderão perceber ou sentir tratar-se de alguém com boas ou más *intenções*. Não sendo o pensamento totalmente privado, o conceito de *intenção moral* tem um outro estatuto ontológico: a *intenção*, que é pensamento com “direção e sentido”, já é um modo de ação; logo, pode acarretar consequências positivas ou negativas. Emanando de uma inteligência e *fluindo* através do *fluido universal* — hipotética substância imponderável que a tudo englobaria —, o pensamento pode afetar o estado, o ânimo, a saúde das almas e dos corpos. Daí a recomendação de vigilância que um espírita deve ter com os seus próprios pensamentos e com a *intenção* que dá a eles: se este pensar mal de uma pessoa pode estar prejudicando-a (e certamente a si mesmo); se pensar bem de uma pessoa pode estar beneficiando-a (e certamente a si mesmo). Em termos mais diretos, o pensamento pode causar dor ou prazer, tanto ao Espírito que o gera e o transmite quanto ao que o recebe e o assimila.

Dessa compreensão da natureza do *pensamento*, conseqüentemente, a própria ideia de uma *comunhão de pensamento* também não pode ser compreendida como uma conveniente metáfora, que representaria *apenas* a reunião de pessoas a compartilhar os mesmos valores e metas. *Representa* aquilo que é *realmente* gerado no mesmo momento no qual pessoas se reúnem e

<sup>14</sup> [...] qui distingue l'esprit de la matière: sans la pensée, l'esprit ne serait pas esprit. La volonté n'est pas un attribut spécial de l'esprit, c'est la pensée arrivée à un certain degré d'énergie ; c'est la pensée devenue puissance motrice. C'est par la volonté que l'esprit imprime aux membres et au corps des mouvements dans un sens déterminé. Mais si elle a la puissance d'agir sur les organes matériels, combien cette puissance ne doit-elle pas être plus grande sur les éléments fluidiques qui nous environnent ! La pensée agit sur les fluides ambiants, comme le son agit sur l'air ; ces fluides nous apportent la pensée, comme l'air nous apporte le son. On peut donc dire en toute vérité qu'il y a dans ces fluides des ondes et des rayons de pensées qui se croisent sans se confondre, comme il y a dans l'air des ondes et des rayons sonores.

<sup>15</sup> Uma exposição sobre a natureza da percepção e do pensamento encontra-se no importante *Ensaio teórico sobre a sensação entre os Espíritos*, publicado no *Capítulo VI - Da vida espiritual da Parte segunda - Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos* de *O livro dos Espíritos* (1860).

colaboram entre si, no qual se organizam em algo como uma *assembleia* (uma *eclésia*): um *ambiente espiritual*, um ambiente psíquico mais ou menos homogêneo. Se em uma comunhão de pensamentos, a maioria deles for altruísta, um bom ambiente espiritual tende a ser gerado, assim como se a maioria deles for egoísta, um mau ambiente espiritual tende a ser gerado.

[...] do mesmo modo que há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmônico, a impressão é agradável; se for discordante, a impressão é penosa. (Kardec, 1868c, p. 354, tradução nossa).<sup>16</sup>

Aquilo que Kardec também está indiretamente expressando, ao assim entender os conceitos de pensamento e de comunhão de pensamento, é, supomos, uma concepção crucial, presente em outras passagens de sua obra espírita, segundo a qual a *moral evangélica* — ser *altruísta* e não *egoísta*, fazer o bem e não o mal — *justifica-se* porque estaria *fundamentada* nas *leis naturais ou divinas*, além de sua capacidade em manter a coesão e/ou a harmonia social. O progresso espiritual ocorre, tentemos ser precisos, não pelo processo *em si* de sucessivas reencarnações, mas por um contínuo aperfeiçoamento dos *modos de pensar* e das *intenções* do Espírito, as *causas eficientes* das suas ações e dos seus comportamentos. E isso sim ocorre através de sucessivas reencarnações, neste e noutros mundos, porque fará com que o próprio Espírito encarnado *ponha à prova se de fato* seus pensamentos e intenções estão na direção correta ou se necessitam de *redirecionamentos*; utilizando o vocabulário cristão espírita, que reconheça suas *faltas*, que delas se *arrependa*, que venha a *expiá-las*, a aceitar com resignação suas consequências, sejam estas impostas ou escolhidas, que venha a *repará-las*, reconciliando-se com aqueles a quem ofendeu e/ou modificando seu modo de ser, comprovando assim que não mais irá cometer outras faltas análogas.<sup>17</sup> Sendo assim, *a ideia ou o ideário de uma comunhão de pensamentos “moralmente elevados” que Kardec esboça coaduna-se com a causa eficiente do progresso espiritual do próprio Espírito: o trabalho constante sobre si mesmo; o trabalho constante para gerar e manter bons pensamentos e*

<sup>16</sup> [...] de même qu'il y a des rayons sonores harmoniques ou discordants, il y a aussi des pensées harmoniques ou discordantes. Si l'ensemble est harmonique, l'impression est agréable; s'il est discordant, l'impression est pénible.

<sup>17</sup> Um desenvolvimento mais pormenorizado dessa dinâmica encontra-se na obra *O Céu e o Inferno*, particularmente no ensaio intitulado *Código penal da vida futura* do Capítulo VII - *As penas futuras segundo o Espiritismo* da Primeira parte - Doutrina (1865a).

boas intenções, para ser, portanto, um *homem de bem* (Kardec, 1860).

Kardec compara uma assembleia (esta forma específica de gerar uma comunhão de pensamento) a uma orquestra (metáfora esperada). Ela é

[...] uma fonte de onde se irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos em que cada um produz a sua nota. Resulta disso uma porção de correntes e de eflúvios fluídicos, que cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição. (Kardec, 1868c, p. 354, tradução nossa).<sup>18</sup>

Uma assembleia religiosa deveria gerar, portanto, um ambiente espiritual o mais elevado possível em sentido moral. Tal ambiente não seria meramente aprazível; poderia vir a ser também um “*refúgio*”, um lugar propício tanto a amenizar, a “regenerar” ou “curar” aqueles que sofrem quanto a *catalisar* ou *acelerar o progresso espiritual* daqueles que contribuem para a sua geração.

A comunhão de pensamentos produz, assim, uma espécie de efeito físico, que reage sobre o moral [...]. O homem o sente instintivamente, pois procura as reuniões onde sabe que encontrará essa comunhão; nessas reuniões homogêneas e simpáticas, ele adquire novas forças morais; poder-se-ia dizer que ele aí recupera as perdas fluídicas que ocorrem diariamente pela radiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material. (Kardec, 1868c, p. 355, tradução nossa).<sup>19</sup>

*Segunda.* Uma pessoa pode praticar sua religiosidade dentro da esfera privada, no isolamento de uma caverna ou de uma casa; mas isso não exclui a adequação, e mesmo a necessidade, de praticá-la dentro da esfera pública, em templos ou em igrejas, entre outros e com outros. Em isolamento, pode até sentir-se mais livre, longe dos eventuais *eflúvios* de inveja e de admiração, mas, se objetiva o *aprimoramento espiritual*, conta apenas consigo mesmo; e, para tal, poucos seriam suficientemente evoluídos para dispensar o auxílio oferecido por outros. Ademais, o isolamento voluntário, o “[...] *isolamento religioso, como o isolamento social,*” assegura Kardec, “*conduz ao egoísmo.*”

Que alguns homens sejam suficientemente fortes por si mesmos, suficiente e largamente dotados de coração, para que sua fé e sua

<sup>18</sup> [...] un foyer où rayonnent des pensées diverses ; c’est comme un orchestre, un chœur de pensées où chacun produit sa note. Il en résulte une multitude de courants et d’effluves fluidiques dont chacun reçoit l’impression par le sens spirituel, comme dans un chœur de musique, chacun reçoit l’impression des sons par le sens de l’ouïe.

<sup>19</sup> La communion de pensées produit donc une sorte d’effet physique qui réagit sur le moral [...]. L’homme le sent instinctivement, puisqu’il recherche les réunions où il sait trouver cette communion ; dans ces réunions homogènes et sympathiques, il puise de nouvelles forces morales ; on pourrait dire qu’il y récupère les pertes fluídiques qu’il fait chaque jour par le rayonnement de la pensée, comme il récupère par les aliments les pertes du corps matériel.

caridade não necessitem ser reaquecidas num local comum, é possível; mas assim não se dá com as massas [...]. Qual o homem, ademais, que poderia dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender em relação aos seus interesses futuros, e suficientemente perfeito para dispensar conselhos na vida presente? É ele sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; à maioria deles são necessários ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Indiscutivelmente, esse ensinamento pode ser dado em toda parte, sob a abóbada do céu como sob a de um templo, mas por que os homens não teriam lugares especiais para os negócios do Céu, como os têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembleias religiosas, como têm assembleias políticas, científicas e industriais? (Kardec, 1868c, p. 357, tradução nossa).<sup>20</sup>

O egoísmo — considerado pelo codificador e pelos Espíritos da codificação um dos principais obstáculos para o progresso espiritual e social<sup>21</sup> — não se manifesta apenas no isolamento voluntário, mas também na companhia de outros, em reuniões, hipocritamente.

Infelizmente, a maioria se afasta desse princípio [o desprendimento do pensamento dos abraços da matéria], à medida que fazem da religião uma questão de forma. Disso resulta que cada um, fazendo consistir seu dever na realização da forma, julga-se quite com Deus e com os homens quando praticou uma fórmula. *Disso resulta também que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e frequentemente sem nenhum sentimento de confraternidade em relação aos outros assistentes; ele está isolado em meio à multidão, e não pensa no Céu senão para si mesmo.* (Kardec, 1868c, p. 356, tradução nossa).<sup>22</sup>

Kardec ainda atenta para um possível problema: o mais adequado seria a realização de reuniões pequenas, que agregasse um número reduzido de pessoas. Ao contrário, quanto maior for o número delas, mais aumentaria a chance de haver dissonâncias, de haver alguém que não seja capaz de se harmonizar com o ambiente espiritual pretendido. O que não ocorreria em mundos habitados por Espíritos superiores, pois estes já teriam adquirido determinada capacidade de

<sup>20</sup> *L'isolement religieux, comme l'isolement social, conduit à l'égoïsme.* Que quelques hommes soient assez forts par eux-mêmes, assez largement doués par le cœur, pour que leur foi et leur charité n'aient pas besoin d'être réchauffées à un foyer commun, c'est possible ; mais il n'en est point ainsi des masses [...]. Quel est, en outre, l'homme qui puisse se dire assez éclairé pour n'avoir rien à apprendre touchant ses intérêts futurs? assez parfait pour se passer de conseils dans la vie présente ? Est-il toujours capable de s'instruire par lui-même? Non; il faut à la plupart des enseignements directs en matière de religion et de morale, comme en matière de science. Sans contredit, cet enseignement peut être donné partout, sous la voûte du ciel comme sous celle d'un temple; mais pourquoi les hommes n'auraient-ils pas des lieux spéciaux pour les affaires du ciel, comme ils en ont pour les affaires de la terre? Pourquoi n'auraient-ils pas des assemblées religieuses, comme ils ont des assemblées politiques, scientifiques et industrielles?

<sup>21</sup> Em *O livro dos Espíritos* (1860), encontramos essa ideia extensamente desenvolvida na resposta à questão 785 da sessão *Marcha do progresso do Capítulo VII - 7. Lei do progresso* e na sessão *Do egoísmo no Capítulo XII - Perfeição moral*, ambos da *Parte terceira - Das leis morais*.

<sup>22</sup> Malheureusement la plupart se sont écartées de ce principe [le dégagement de la pensée des étreintes de la matière], à mesure qu'elles ont fait de la religion une question de forme. Il en est résulté que chacun faisant consister son devoir dans l'accomplissement de la forme, se croit quitte envers Dieu et envers les hommes, quand il a pratiqué une formule. *Il en résulte encore que chacun va dans les lieux de réunions religieuses avec une pensée personnelle, pour son propre compte, et le plus souvent sans aucun sentiment de confraternité à l'égard des autres assistants ; il est isolé au milieu de la foule, et ne pense au ciel que pour lui-même.*

atenção, de controle e de poder, que os impediria de prejudicar e de corromper a realização de qualquer trabalho coletivo e colaborativo.

Apesar desse alerta, as práticas espirituais coletivas e colaborativas são recomendáveis. É na companhia de outros, em reuniões, na *arena do convívio* que a pessoa pode realmente *aprimorar-se*, descobrir seus limites e capacidades, que pode tanto somar quanto renovar forças.

[...] se o pensamento coletivo<sup>23</sup> adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais poder para neutralizar a ação dos maus Espíritos; vemos também que a tática destes últimos é impelir para a divisão e para o isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, porém, se sua vontade for corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, segundo o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro tanto do ponto de vista moral quanto do físico. (Kardec, 1868c, p. 355, tradução nossa).<sup>24</sup>

Todavia, isso só efetivamente ocorre se as pessoas reunidas pensarem “[...] em proveito de todos, conforme a lei da caridade [...]”, escreve Kardec, acrescentando que desse modo os *eflúvios fluídicos* dos bons Espíritos, livres dos obstáculos provocados pelos maus pensamentos, descerão sobre todos os participantes (os assistentes) “[...] em línguas de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho.”

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os Espíritos e são por estes assistidos. [...] numa palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Ninguém trabalha para si só, mas para todos, e trabalhando por todos, cada um aí encontra a sua parte; é isso que o egoísmo não compreende. (Kardec, 1868c, p. 356, tradução nossa).<sup>25</sup>

Se uma pessoa aceita como realidade o mundo dos Espíritos, a comunicação pelo pensamento e que este pode afetar, para o bem ou para o mal, a si mesmo e a outros, a sua eventual concepção de prática religiosa dificilmente não estaria condicionada por essa crença. Ela poderia se encontrar isolada dos vivos e sentir a presença dos mortos, com quem talvez entrasse em comunicação

<sup>23</sup> A expressão “pensamento coletivo” deve ser compreendida, obviamente, em sentido metafórico; o pensamento não é atributo de uma coletividade de Espíritos, mas de um único Espírito.

<sup>24</sup> [...] si la pensée collective acquiert de la force par le nombre, un ensemble de pensées identiques, ayant le bien pour but, aura plus de puissance pour neutraliser l'action des mauvais Esprits ; aussi voyons-nous que la tactique de ces derniers est de pousser à la division et à l'isolement. Seul, un homme peut succomber, tandis que si sa volonté est corroborée par d'autres volontés, il pourra résister, selon l'axiome : *L'union fait la force*, axiome vrai au moral comme au physique.

<sup>25</sup> [...] au profit de tous, selon la loi de charité. Elles [les effluves fluïdiques] descendront sur eux en langues de feu, pour nous servir d'une admirable image de l'Évangile. Ainsi, par la communion de pensées, les hommes s'assistent entre eux, et en même temps ils assistent les Esprits et en sont assistés. [...] en un mot, elle établit la solidarité, qui est la base de la fraternité. Chacun ne travaille pas seulement pour soi, mais pour tous, et en travaillant pour tous chacun y trouve son compte ; c'est ce que ne comprend pas l'égoïsme.

e, se o grau de simpatia for propício, realizar uma comunhão de pensamento.

Prática das mais religiosas e que se confunde, no espiritismo, com a *evocação* (dos Espíritos), a *prece* (a oração) não seria, por conseguinte, apenas um mero ato mental, não raro exteriorizado em gestos e palavras, mas também um ato de poder, de poder transformar, dentro de limites instaurados por leis naturais, algum estado-de-coisas indesejado. Quando uma prece genuína (para o benefício dos outros e de si) é realizada, o egoísmo é mitigado e as pessoas que a realizam, que adentram o *estado de prece*, ensaiam promanar, intuímos, uma comunhão de pensamento que pode ser apreendida como uma emulação imperfeita do permanente estado espiritual dos Espíritos puros.

## 2 Religião no sentido filosófico

Cientes da primazia da moral para a doutrina espírita e do modo como esta teoriza o pensamento e a comunhão de pensamento, podemos agora extrair, do *Discurso*, uma tentativa de definir o conceito — problemático e semanticamente instável — de religião em sentido normativo, como um *ideal*.<sup>26</sup> Isso talvez seja facilitado porque aí também se encontra uma crítica ao que “a religião é ou se tornou”. Segundo Kardec,

[...] a palavra *religião* quer dizer *laço*; uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que *religa* os homens em uma comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças; consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. [...]

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de engajamentos materiais que podemos romper à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre estes que ele une, como consequência da comunhão de visões e de sentimentos, *a fraternidade e a solidariedade*, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família. (Kardec, 1868c, p. 358-359, tradução nossa).<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Conferir as pesquisas de Giumbelli (1997), Aubrée e Laplantine (2009), Arribas (2010), Araújo (2016), Barros (2022) e Camurça (2022).

<sup>27</sup> [...] le mot *religion* veut dire *lien* ; une religion, dans son acception large et vraie, est un lien qui *relie* les hommes dans une communauté de sentiments, de principes et de croyances ; consécutivement, ce nom a été donné à ces mêmes principes codifiés et formulés en dogmes ou articles de foi. [...] Le lien établi par une religion, quel qu'en soit l'objet, est donc un lien essentiellement moral, qui relie les cœurs, qui identifie les pensées, les aspirations, et n'est pas seulement le fait d'engagements matériels qu'on brise à volonté, ou de l'accomplissement de formules qui parlent aux yeux plus qu'à l'esprit. L'effet de ce lien moral est d'établir entre ceux qu'il unit, comme conséquence de la communauté de vues et de sentiments, *la fraternité et la solidarité*, l'indulgence et la bienveillance mutuelles. C'est en ce sens qu'on dit aussi : la religion de l'amitié, la religion de la famille.

Nessa passagem, Kardec nos remete, talvez sem o saber, à debatida concepção, inspirada em uma discutível etimologia, segundo a qual a religião seria uma “re-ligação” com o divino e/ou com o sagrado; como se trata de espiritismo, porém, fácil prever que ele afirmasse que o “laço que religa” é entre pessoas, entre Espíritos, encarnados e desencarnados, em uma “comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças”. Portanto, *uma religião deveria ser todo o trabalho solidário com o qual se objetiva realizar essa comunidade*; e, dentre as suas variantes, participar de reuniões que geram *comunhão de pensamentos* é central e *fundante*, porque através dela os Espíritos viriam a se esforçar, *em conjunto*, para se desapegar da materialidade em benefício do outro, cumprindo a moral evangélica; portanto, *uma religião deveria ser o trabalho solidário com o qual se objetiva contribuir para o progresso individual do Espírito*. Aceitando o princípio da *perfectibilidade* do ser inteligente, arriscamos conjecturar que, para Kardec, sem qualquer *prática religiosa*, independente do seu aspecto *formal*, sem qualquer *exercício disciplinado* daquilo que podemos denominar de *autoconhecimento* e de *amor*, os Espíritos mais árdua e demoradamente — talvez devamos dizer: nunca — progrediriam, superando a necessidade das reencarnações e realizando a perfeição dos Espíritos puros. “[...] *Fora da caridade não há salvação* [...]”<sup>28</sup> (Kardec, 1868c, p. 360, tradução nossa), insiste Kardec contra uma das mais célebres máximas eclesiásticas.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que elas devem e podem exercer todo o seu poder, porque o objetivo deve ser o desprendimento do pensamento dos abraços da matéria. (Kardec, 1868c, p. 356, tradução nossa).<sup>29</sup>

A epígrafe do *Discurso* revela-se assim uma escolha precisa. Sugere-nos que Jesus Cristo, pelo narrado no *Evangelho segundo Mateus* (18:20), reconhecia que um número reduzido de pessoas comprometidas é suficiente para estabelecer uma comunhão de pensamentos: “Onde quer que haja duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu estarei no meio delas.” (Kardec, 1868c, p. 353, tradução nossa).<sup>30</sup>

<sup>28</sup> [...] *Hors la charité point de salut* [...].

<sup>29</sup> Toutes les réunions religieuses, à quelque culte qu’elles appartiennent, sont fondées sur la communion de pensées ; c’est là, en effet, qu’elle doit et peut exercer toute sa puissance, parce que le but doit être le dégagement de la pensée des étreintes de la matière.

<sup>30</sup> En quelque lieu que se trouvent deux ou trois personnes assemblées en mon nom, je m’y trouve au milieu d’elles.

Ante essas considerações, a fatídica pergunta “[...] o Espiritismo é uma religião?”, realizada pelo próprio Kardec, adquire outra valência. E logo em seguida, ele prontamente responde:

Ora, sim!, sem dúvida, senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as mais sólidas bases: as próprias leis da natureza. (Kardec, 1868c, p. 359, tradução nossa).<sup>31</sup>

Kardec aparenta então reconhecer a suposta contradição em suas afirmações pretéritas, registradas ou não, ao se perguntar: “Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião?”. E logo em seguida, ele pronta e novamente responde e justifica, referindo-se a um frequente fenômeno linguístico e explanando o modo como define a identidade do próprio espiritismo, com o cuidado em não posicioná-lo como mais um ator no mercado da fé:

Pela razão que há apenas uma palavra para expressar duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da ideia de culto, que ela desperta exclusivamente uma ideia de forma, e que o Espiritismo não a tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se quiserem, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; ele [o público] não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais frequentemente a opinião pública se levantou. Não tendo o Espiritismo nenhuma das características de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia adornar-se com um título cujo valor seria inevitavelmente mal compreendido; eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral. (Kardec, 1868c, p. 359, tradução nossa).<sup>32</sup>

Eis assim a explicação explícita. O espiritismo não pode ser identificado com uma religião, pois Kardec assevera que, se assim fosse, a doutrina por ele organizada com tantas dificuldades tenderia a ser compreendida e praticada apenas como mais um *culto*, como mais uma das inúmeras *designações cristãs*

<sup>31</sup> [...] le Spiritisme est donc une religion ? Eh bien, oui ! sans doute, Messieurs ; dans le sens philosophique, le Spiritisme est une religion, et nous nous en glorifions, parce que c'est la doctrine qui fonde les liens de la fraternité et de la communion de pensées, non pas sur une simple convention, mais sur les bases les plus solides : les lois mêmes de la nature.

<sup>32</sup> Pourquoi donc avons-nous déclaré que le Spiritisme n'est pas une religion ? Par la raison qu'il n'y a qu'un mot pour exprimer deux idées différentes, et que, dans l'opinion générale, le mot religion est inséparable de celle de culte ; qu'il réveille exclusivement une idée de forme, et que le Spiritisme n'en a pas. Si le Spiritisme se disait religion, le public n'y verrait qu'une nouvelle édition, une variante, si l'on veut, des principes absolus en matière de foi ; une caste sacerdotale avec son cortège de hiérarchies, de cérémonies et de privilèges ; il ne le séparerait pas des idées de misticisme, et des abus contre lesquels l'opinion s'est souvent élevée. Le Spiritisme, n'ayant aucun des caractères d'une religion, dans l'acception usuelle du mot, ne pouvait, ni ne devait se parer d'un titre sur la valeur duquel on se serait inévitablement mépris ; voilà pourquoi il se dit simplement : doctrine philosophique et morale.

ou *evangélicas*, com seus ritos e suas rígidas hierarquias verticais e, sobretudo, com seus “abusos”. E “abusos” que poderiam ser considerados como uma consequência quase inevitável de um movimento social que, ao crescer, se *institucionaliza* em uma estrutura eclesiástica. Em outras palavras: *tendo como principal e quase exclusivo modelo de religião e como principal referência histórica o cristianismo e as instituições cristãs, Kardec concebe que o espiritismo é ou pode se tornar uma religião no sentido filosófico, de doutrina, de ensinamento, mas não uma religião no sentido institucional, de igreja, de seita; ou, dito com uma outra terminologia que só aparentemente contradiz a anterior, é ou pode se tornar uma religião, mas não uma instituição religiosa.*

Em passagens como essa, há assim uma crítica, modesta, mas clara, à dimensão *política* da religião, às relações pessoais e sociais de poder, crítica frequente nos discursos anticlericais e iconoclastas dos *philosophes*. Herdeiro parcimonioso do heterogêneo programa das Luzes, Kardec transparece a consciência de que, em seu tempo, *a própria palavra “religião” evoca, para certas pessoas (“a opinião pública”), não apenas a ideia de comunhão, de haver um sentido objetivo para a existência e de haver valores morais objetivos aos quais se deve cumprir, mas também a de discursos e práticas moralmente equívocos (“os abusos”), que são justificados ao se afirmarem como religiosos, como divinos ou sagrados.*

Do Discurso de Kardec em específico e da doutrina espírita em geral ainda podemos depreender, portanto, a seguinte conjectura sobre uma eventual causa da instabilidade semântica da *palavra* religião. Devido às más ações e ao mau comportamento (aos “abusos”) de certos religiosos em cargos de poder; devido à rigidez das regras que regem os cultos, os rituais e as estruturas hierárquicas; devido à promulgação de uma concepção do destino do Espírito em suposta contradição com a de justiça divina: a *palavra* religião também veio não apenas a denotar *laço*, mas a conotar separação, desunião, desacordo, discórdia; a *palavra* religião veio a significar, às vezes tão somente, *instituição religiosa*, ou melhor, *instituição de poder*. O Discurso assim indicia que ela agora evoca algo de negativo. De Xenófanes a Nietzsche e Marx, a crítica às metafísicas religiosas como eivadas de antropomorfismos e de *ilusões*, como instrumentos inconfessos

de dominação e de exploração tem longa história. À época de Kardec, ela talvez seja sobretudo um desdobramento das ideias iluministas de secularização, deístas ou não, que se prolonga até a atualidade. Essa concepção negativa da religião parcialmente explica o motivo de certos espíritas não considerarem o espiritismo como *instituição* religiosa, mas apenas como ciência e doutrina filosófica, assim como o surgimento e o uso de *distinções conceituais* relativamente frequentes no debate contemporâneo como esta entre *religião* e *espiritualidade*, entre, ousemos definições muito imperfeitas, uma tradição de organização coletiva da fé e uma tradição de organização individual da fé.

Kardec soluciona assim o problema da *identidade* do espiritismo, no mercado da fé, pressupondo *sub-repticiamente* uma significativa distinção conceitual, que remete, mas não de modo exato, a essa entre religião e espiritualidade: entre *religião no sentido de culto* e *religião no sentido de filosofia*, entre religião cultural e religião filosófica, distinção que também suscita paralelismo àquela das antigas e genéricas categorias, respectivamente, de forma e de conteúdo. A primeira se exemplificaria na *forma material*, no que ocorre no plano material durante uma reunião religiosa, que se encarcera em estruturas hierárquicas e se veste de ritos; a segunda se exemplificaria no *conteúdo espiritual*, no que ocorre no plano espiritual durante uma reunião religiosa, uma *comunhão de pensamentos*.

Desde que regida pela moral evangélica, presumida universal, a *forma* como uma religião é efetivada (as línguas, os mitos, os símbolos, os gestuais, os rituais, as convenções, as maneiras de se *adorar* a Deus etc.) adquire, da perspectiva espírita, uma *função* bastante restrita. Importante é o que pertence à dimensão espiritual, o que permanece, o que é eterno e imutável: o *pensamento* e a relação entre os Espíritos, isto é, entre *Pensamentos*. Não sem motivos as práticas espíritas às vezes podem ser imaginadas como oriundas de uma antiga ritualística que se despojou, com o tempo, de seus adornos e cores, reduzindo-se a um mínimo, passível de ser justificado com clareza.

Uma religião em sentido filosófico é ou deveria ser, para um pragmático Kardec, aquela que se atém ao essencial. E essencial é tudo aquilo que *contribui* para o progresso espiritual — ou moral — do Espírito.

### 3. *Credo*

Apesar de definir o espiritismo como uma religião em sentido filosófico, isso não impede Kardec de compor o que ele denomina de *credo espírita*. Lembremo-nos que, assim como o uso do *conceito* de doutrina (que *remeteria* à noção de ensino), o de *credo* é frequente nas religiões organizadas a partir de revelações, das que afirmam que suas *crenças* se encarnam num *corpo textual*, como o cristianismo católico. *Cristianismo cuja lógica discursiva e terminologia são parcialmente adotadas e ressignificadas pela própria doutrina espírita*.

A elaboração, a manutenção e a propagação de um *credo* têm a finalidade não apenas de esclarecer um conjunto mínimo de proposições teológicas e/ou soteriológicas fundamentais às quais o *indivíduo* deve aderir, mas também a de *estabelecê-las* e *demarcá-las* com relação às de outras religiões, inclusive daquelas cujas “crenças” não estão condicionadas a um texto escrito e, em parte por isso, apresentariam princípios supostamente mais vagos. Aquilo que se crê e o modo de se crer, aquilo que se pratica e o modo de se praticar deve estar explícito, às vezes como se não devesse haver margem para que o *fiel* pudesse interpretar o discurso que recebe, como se não pudesse duvidar de algum aspecto dele.

Segundo Kardec, a doutrina espírita, no entanto, não deve ser aceita sem passar por uma *conscienciosa* análise crítica. Aos seus *adeptos* não exige o *sacrificium intellectus*; orienta sustentar uma fé (tal qual, supõe-se, daqueles de qualquer outra religião), mas uma *fé raciocinada*<sup>33</sup>. Mesmo com esse princípio metodológico ou aparente oxímoro (próprio de uma *mentalidade* tão religiosa quanto científica), há certos *dogmas* ou *artigos-de-fé* (usemos expressões cristãs) espíritas fundamentais que, também não devendo ser isentos de crítica, são entendidos como postulados quase incontestáveis. Kardec os estabelece — construindo ou explicitando assim este *credo espírita*<sup>34</sup> — num único e conciso parágrafo, como se há muito estivesse trabalhando nas proposições nele contidas:

Crer num Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na

<sup>33</sup> Um desenvolvimento do conceito de *fé raciocinada* pode ser encontrado, por exemplo, no *Capítulo XIX - A fé que transporta montanhas* de *O Evangelho segundo o espiritismo* (1868a).

<sup>34</sup> Ao fim de *Obras póstumas* (1890) de Kardec, edição realizada pela *Sociedade parisiense de estudos espíritas*, encontra-se também um texto intitulado *Credo espírita - Preâmbulo*.

alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de avanço intelectual e moral; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente com a perfeição; na equitável remuneração do bem e do mal, conforme o princípio: a cada um segundo suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada pela imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provações em vista do futuro mais invejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, palavras e obras na mais larga acepção da palavra; esforçar-se todos os dias para ser melhor que na véspera, extirpando qualquer imperfeição de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão, e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam, e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da ciência a revelação das leis da natureza, que são as leis de Deus: eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode se conciliar com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar Deus. É o laço que deve unir todos os Espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ele reúna todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal. (Kardec, 1868c, p. 361, tradução nossa).<sup>35</sup>

Kardec termina esse credo divulgando uma proposta ou ideário já antes por ele explicitado, particularmente quando da sua refutação do artigo do abade Chesnel: o espiritismo poderia ser aceito e praticado por adeptos de quaisquer formas de religião, que até possuiria um credo, mas um credo apto a *se congraçar* ou *se conciliar* com quaisquer maneiras de se adorar a Deus.<sup>36</sup> E isso justamente porque se trata de uma ciência, de um conteúdo *revelado* pela perseverante investigação humana da natureza, cujas leis seriam *válidas a qualquer um*, em qualquer época e lugar. Aqui, portanto, podemos sintetizar essa proposta ou ideário: *todas as religiões poderiam ser espíritas; e todos os espíritas poderiam*

---

<sup>35</sup> Croire en un Dieu tout-puissant, souverainement juste et bon ; croire en l'âme et en son immortalité ; à la préexistence de l'âme comme seule justification du présent ; à la pluralité des existences comme moyen d'expiation, de réparation et d'avancement intellectuel et moral ; à la perfectibilité des êtres les plus imparfaits ; à la félicité croissante avec la perfection ; à l'équitable rémunération du bien et du mal, selon le principe : à chacun selon ses œuvres ; à l'égalité de la justice pour tous, sans exceptions, faveurs ni privilèges pour aucune créature ; à la durée de l'expiation limitée à celle de l'imperfection ; au libre-arbitre de l'homme, qui lui laisse toujours le choix entre le bien et le mal ; croire à la continuité des rapports entre le monde visible et le monde invisible ; à la solidarité qui relie tous les êtres passés, présents et futurs, incarnés et désincarnés ; considérer la vie terrestre comme transitoire et l'une des phases de la vie de l'Esprit, qui est éternelle ; accepter courageusement les épreuves en vue de l'avenir plus enviable que le présent ; pratiquer la charité en pensées, en paroles et en actions dans la plus large acception du mot ; s'efforcer chaque jour d'être meilleur que la veille, en extirpant quelque imperfection de son âme ; soumettre toutes ses croyances au contrôle du libre examen et de la raison, et ne rien accepter par la foi aveugle ; respecter toutes les croyances sincères, quelque irrationnelles qu'elles nous paraissent, et ne violenter la conscience de personne ; voir enfin dans les découvertes de la science la révélation des lois de la nature, qui sont les lois de Dieu : voilà le Credo, la religion du Spiritisme, religion qui peut se concilier avec tous les cultes, c'est-à-dire avec toutes les manières d'adorer Dieu. C'est le lien qui doit unir tous les Spiritistes en une sainte communion de pensées, en attendant qu'il rallie tous les hommes sous le drapeau de la fraternité universelle.

<sup>36</sup> Conferir a pesquisa de Araújo (2016).

*ser só espíritas ou também aderir formalmente a outras religiões.*

Isso não se realizou de modo significativo. Apesar de encontrarmos aqueles que professam, por exemplo, adesão ao catolicismo, que deste cumpram os sacramentos e as liturgias, mas que também acreditam nos princípios espíritas e frequentam sessões mediúnicas<sup>37</sup>, a realidade é que os dois credos, ou ainda, as duas religiões defendem concepções teológicas e/ou soteriológicas muito distintas. Uma *conciliação* — eis outro possível nome ao objetivo social do espiritismo: *conciliar* — talvez só seja plenamente possível menos pela reinterpretção conceitual e mais pelo efetivo abandono de alguns dos princípios de uma ou de outra doutrina. A divindade de Jesus Cristo e a ressurreição do corpo não são verdades segundo o espiritismo, que afirma, pela revelação e/ou por um critério de suposta coerência ontológica, a superioridade espiritual do Nazareno, cuja natureza seria totalmente humana, e as reencarnações do Espírito em sentido de progresso, que são regidas por uma lei totalmente natural.

Por mais que possa se apresentar como uma consequência lógica da própria compreensão do espiritismo como ciência, a proposta ou ideário (alguns poderão qualificar como ecumênico) de Kardec em torná-lo um *elo* entre diferentes religiões, entre pessoas pertencentes a diferentes religiões, seria dificilmente realizado neste mundo categorizado como “*de expiações e de provas*”<sup>38</sup>. Mundo no qual bons e maus coabitam em instável terreno, no qual muitos tendem a se apegar às suas identidades étnicas e políticas. Há uma esperança que nos remete às metafísicas meio visionárias de certos “reformistas sociais”<sup>39</sup> da época, em assim reapresentar, ao fim desse credo, o objetivo social do espiritismo.

#### 4. Recepção

Mesmo que Kardec tenha apresentado os motivos que o conduziram a identificar o espiritismo como uma religião no sentido filosófico, sendo que antes

<sup>37</sup> Célia da Graça Arribas, na obra *Afinal, espiritismo é religião? - A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira* (2010), indicia, por exemplo, que precursores do espiritismo no Brasil, mesmo considerando o espiritismo como doutrina verdadeira, não necessariamente apostasiavam da fé católica.

<sup>38</sup> A teoria da classificação e da evolução dos mundos pode ser encontrada no *Capítulo III - Há muitas moradas na casa de meu Pai*, de *O Evangelho segundo o espiritismo* (1868a).

<sup>39</sup> Recordemos dos nomes hoje pouco conhecidos de Pierre Leroux e Jean Reynaud. Uma comparação histórica entre as teses desses autores e o espiritismo encontra-se no livro de Lynn Sharp *Secular spirituality - Reincarnation and spiritism in nineteenth-century France* (2006).

não o identificava como uma religião, alguns (adeptos, continuadores e detratores) ainda poderão considerar o direcionamento que intencionou dar ao *movimento espírita* à seara religiosa como uma atitude realmente ambígua. A identidade de um movimento se transforma, inspirada menos pelo modo como seus fundadores a definem e mais pelo que propõem realizar e realizam.

Entretanto, a *doutrina dos Espíritos* é também postulada por Kardec não apenas como uma revelação estática, mas como uma revelação dinâmica, como *progressiva*<sup>40</sup>, mesmo que seus princípios já estejam consolidados. Coerente, portanto, é o seu hábito (pouco ostensivo) de revisar, até mesmo de realizar *precisões conceituais* na sucessão de seus inúmeros escritos públicos; hábito indispensável à produção científica. Ora, esse direcionamento tampouco se *desenvolveu* nesses termos, como uma correção e/ou uma mudança radical de certos objetivos, mas *como uma acentuação daquilo que já se encontrava em potência*. Inclusive talvez tenha sido estimulado por determinados acontecimentos, pelo modo como as ideias espíritas foram recebidas no cenário público.

Referimo-nos às querelas oitocentistas entre o espiritismo e a igreja católica. Ao compreender o outro como um adversário em uma competição, parte-se do pressuposto que ambos pertencem à mesma categoria social. A maioria das lideranças católicas não estavam, à época, dispostas a aceitar as ideias espíritas como verdadeiras e, sobretudo, como uma concebível ou possível explicação teórica alternativa de alguns dos seus próprios princípios. As críticas do abade Chesnel, a inserção de obras espíritas no *index* da corte de Roma<sup>41</sup> e o denominado *Auto de fé* em Barcelona<sup>42</sup> promovido pelo bispo Antonio Palu Termes, quando obras espíritas foram apreendidas e queimadas, são alguns exemplos dessas controvérsias.

Já em 1859, no opúsculo *O que é o espiritismo?* Kardec, desenvolvendo um

<sup>40</sup> Uma definição clara da ideia de progressividade do espiritismo encontra-se no item 55 do já referido *Capítulo I - Caráter da revelação espírita* em *A gênese - Os milagres e as predições segundo o espiritismo* (1868b).

<sup>41</sup> Sobre isso, um artigo central é *O index da corte de Roma*, publicado na *Revista espírita* em junho de 1864.

<sup>42</sup> Sobre isso, um artigo central é *Auto de fé das obras espíritas em Barcelona*, publicado na *Revista espírita* em novembro de 1861; segundo Kardec, no artigo já referido *Período da luta*, o evento de 09 de outubro de 1860 marcaria justamente o início do período da luta do espiritismo.

diálogo fictício com um padre, afirma que

[...] a Igreja, ao repelir sistematicamente os espíritas que a buscavam, forçou-os a se voltarem sobre si mesmos; pela natureza e violência dos seus ataques, ela ampliou a discussão e a levou para um terreno novo. O Espiritismo era apenas uma simples doutrina filosófica; foi ela mesma [a Igreja] quem o engrandeceu ao apresentá-lo como um inimigo terrível; **foi ela, enfim, quem o proclamou nova religião**<sup>43</sup>. (Kardec, p. 83, 1865b, tradução nossa, grifos nossos).

E em resposta a uma instrução pastoral do bispo Pantaleão Monserró y Navarro, publicada no periódico *Diário de Barcelona* em 31 de julho de 1864, na qual se ridiculariza o ensino dos Espíritos, Kardec novamente conota, no artigo-comentário *O novo bispo de Barcelona*, publicado na *Revista Espírita* em setembro de 1864, que a igreja teria incentivado o espiritismo a se tornar uma religião, não poupando as suas repetidas críticas à concepção de justiça divina e à escatologia do cristianismo tradicional.

Eis ainda um princípio que a Igreja proclama, num ato oficial, que o Espiritismo é uma religião que está sendo criada. Aqui é o caso de repetir o que já dissemos sobre esse assunto: **Se o Espiritismo se tornar uma religião, será a Igreja que terá, primeiramente, dado a ideia**. Em todo o caso, essa religião nova, caso venha a sê-la, afastar-se-ia do paganismo pelo fato capital de que não admite um inferno localizado, com penas materiais, enquanto o inferno da Igreja, com suas chamas, suas forquilhas, suas caldeiras, suas lâminas de navalhas, seus pregos pontiagudos, que rasgam os danados, e seus diabos que atizam o fogo, é uma cópia amplificada do Tártaro. (Kardec, 1864a, p. 267, tradução nossa, grifos nossos).<sup>44</sup>

Desconfiamos que nessas duas últimas citações há uma ironia; afinal, critica-se a mais poderosa instituição religiosa da Europa no contexto político da Segunda República e do Segundo Império. Podemos ainda interpretá-las ou desdobrá-las do seguinte modo: ao acreditar encontrar incoerências na teologia cristã, ao acreditar encontrar explicações evasivas para os sacramentos e as liturgias, ao não mais se sentirem acolhidas no catolicismo ou em outras designações, por serem espíritas, algumas pessoas então se voltariam ao espiritismo, fazendo dele também uma religião no sentido de culto, uma forma

<sup>43</sup> [...] l'Eglise en repoussant systématiquement les spirites qui revenaient à elle les a forcés de se replier sur eux-mêmes ; par la nature et la violence de ses attaques, elle a élargi la discussion et l'a portée sur un nouveau terrain. Le spiritisme n'était qu'une simple doctrine philosophique ; c'est elle-même qui l'a grandi en le présentant comme un ennemi redoutable ; c'est elle enfin qui l'a proclamé religion nouvelle.

<sup>44</sup> Voilà encore un prince de l'Eglise qui proclame, dans un acte officiel, que le Spiritisme est une religion qui se crée. C'est ici le cas de répéter ce que nous avons déjà dit à ce sujet : Si jamais le Spiritisme devient une religion, c'est l'Eglise qui, la première, en aura donné l'idée. Dans tous les cas, cette religion nouvelle, si tant est que c'en soit une, s'éloignerait du paganisme par le fait capital qu'elle n'admet pas un enfer localisé, avec des peines matérielles, tandis que l'enfer de l'Eglise, avec ses flammes, ses fourches, ses chaudières, ses lames de rasoirs, ses clous pointus qui déchirent les damnés, et ses diables qui attisent le feu, est une copie amplifiée du Tartare.

moderna de igreja. Não teria sido mais ou menos assim que, *em princípio*, parte do próprio espiritismo, neste Brasil sincrético, configurou-se e cresceu em adeptos? Não seria difícil às pessoas aderirem a uma ciência e doutrina filosófica, dita *consoladora*, sem levarem consigo *hábitos* adquiridos em suas religiões pretéritas?

## Conclusão

Aquilo que Kardec realizou ao proferir o *Discurso* foi, enfim, tornar mais *preciso* a concepção do que *deveria ser* o objetivo social do espiritismo e das *práticas espíritas*. Se isso não foi o desejado por certos adeptos e continuadores, se isso não foi o melhor para um mais fácil entendimento, aceitação e expansão da *doutrina espírita*, antes ou agora, nem por isso torna o seu trabalho menos consistente e sua intenção menos honesta. O fundador de qualquer doutrina que inspira uma tradição pode tentar, mas só minimamente pode controlar o devir histórico, isto é, as leituras e interpretações, os usos e abusos que os outros poderão fazer dos textos que a fundam. Lançadas no mundo, as ideias pertencem ao próprio mundo. Na obra espírita de Kardec — esse discurso polifônico, resultado de um *insone labor* e do exercício de *comungar pensamentos* — encontramos o cuidado de não empregar alegorias suscetíveis a falsas interpretações (Kardec, 1868a), assim como o objetivo — o sonho — de reformar e regenerar a humanidade. E este talvez só seja realizado por uma vontade que possui uma inabalável fé religiosa.

Uma das principais *idiossincrasias* da religião espírita seria, porém, *revelada* pela *época do seu nascimento*. Por mais que possamos nos referir ao exercício da mediunidade, ao comunicar-se com os mortos, em diferentes épocas, o espiritismo, enquanto doutrina, surgiu de veras em meados do século dezenove na França; portanto, *após* a consolidação daquilo que se denomina de *ciência moderna*, com seus variados desdobramentos tecnológicos, e de uma *mentalidade* que defenderia a concepção segundo a qual *o conhecimento só é conhecimento se for científico*.<sup>45</sup>

Compreensível que Kardec, atento a essa exigência de rigor e de clareza,

---

<sup>45</sup> Conferir a pesquisa de Araújo (2016).

de positividade, objetive que o espiritismo se faça e seja reconhecido como ciência. Não apenas se organizaria racionalmente e, sempre que possível, se justificaria empiricamente, mas também cumpriria responder ao incessante apelo daqueles que sofrem. Apelo também respondido pelas metafísicas religiosas pré-científicas. Vocacionado a ser linha unificadora entre as demais religiões, o espiritismo é, portanto, uma *religião* em sentido filosófico, uma *religião moderna*, que respeita o *regime axiológico e epistêmico da modernidade*.

Nos manuscritos de Kardec encontra-se um fragmento de prece endereçada ao “senhor Deus Todo-Poderoso” e datado de 02 de dezembro de 1866, portanto, antes do *Discurso*. Lemos:

Quanto mais eu medito sobre o objetivo final do espiritista, **que é sua constituição em religião**, mais eu sinto minhas ideias se aclararem e o plano se desenhar, sem dúvida graças à assistência de vossos mensageiros; porém, mais também eu sinto quanto esse trabalho exige calma e <meditações> sérias. (Kardec, 1866, p. 1, tradução nossa, grifos nossos).<sup>46</sup>

Ignoramos o contexto no qual essas palavras foram escritas e se o termo religião foi utilizado em algum sentido preciso. Isso não implica que elas não possam evocar sugestivas *especulações* sobre o direcionamento que Kardec planejava, nesse momento específico, dar ao espiritismo e/ou se realmente ele começou a cumpri-lo.

Para aquele que se recusava ser seu fundador, o espiritismo não é e não deveria ser uma religião, apesar de poder ser assim definido em sentido filosófico. Contudo, intuímos que o antigo “chefe de instituição” compreenderia a futura realidade histórica: que significativa parte do movimento espírita começara a se direcionar, em grande medida, a uma seara desde o início avistada, mas não de todo pretendida.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Augusto César Dias de. **Espiritismo esta loucura do século XIX: ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec**. São Paulo: Fonte

<sup>46</sup> Plus je médite sur le but final du spiritiste qui est sa constitution en religion, plus je sens mes idées s'éclaircir et le plan se dessiner, sans doute grâce à l'assistance de vos messagers, mais plus aussi je sens combien ce travail exige de calme et de <méditations> sérieuses.

editorial & Programa de pós-graduação em ciência da religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR), 2016.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião? - A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira.** São Paulo: Alameda, 2010.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento espírita entre França e Brasil.** Maceió, AL: Edufal, 2009.

BARRERA, Florentino. A sociedade de Paris: sociedade parisiense de estudos espíritas 1858-1896. rev. 2021. *E-book*. Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L181.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2024.

BARROS, Brasil Fernandes de. **A busca de Kardec: fé ou razão.** Curitiba: CRV, 2022.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Espiritismo em sete lições.** Petrópolis: Vozes, 2022.

GIUMBELLI, Emerson. **Cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

KARDEC, Allan. **Le livre des Esprits - Contenant les principes de la doctrine spirite - Selon l'enseignement donné par les esprits supérieurs à l'aide de divers médiums - Recueillis et mis en ordre par Allan Kardec.** Seconde édition. Paris: Didier et C<sup>ie</sup>, Libraires - Éditeurs, 1860.

KARDEC, Allan. **L'évangile selon le spiritisme - Contenant l'explication des maximes morales du Christ - Par Allan Kardec.** Quatrième édition. Paris : Dentu, Fred, Henri, 1868a.

KARDEC, Allan. **La genèse - Les miracles et les prédictions selon le spiritisme par Allan Kardec.** Paris: A. Lacroix, Verboeckhoven et C<sup>e</sup>, Éditeurs, 1868b.

KARDEC, Allan. **Le Ciel et l'Enfer - Ou la justice divine selon le spiritisme - Par Allan Kardec.** Paris: Ledoyen, Dentu, Fréd, Henry, libraires, 1865a.

KARDEC, Allan. **Qu'est-ce que le spiritisme - Introduction à la connaissance du monde invisible par les manifestations des esprits.** Sixième édition. Paris: Ledoyen, Dentu, Fréd, Henry, libraires, 1865b.

KARDEC, Allan. Réfutation d'un article de l'Univers. **Revue spirite. Journal d'études psychologiques.** Paris, Deuxième Année, Mai, p. 129-138, 1859.

KARDEC, Allan. Auto-da-fé des ouvrages Spirites à Barcelone. **Revue spirite. Journal d'études psychologiques.** Paris, Quatrième Année, Novembre, p. 321-325, 1861.

KARDEC, Allan. Période de la lutte. **Revue spirite. Journal d'études psychologiques.** Paris, Sixième année, Décembre, p. 377-379, 1863.

KARDEC, Allan. Variétés. L'Index de la cour de Rome, **Revue spirite. Journal d'études psychologiques.** Paris, Septième Année, Juin, p. 191, 1864a.

KARDEC, Allan. Le nouvel évêque de Barcelone. **Revue spirite. Journal d'études psychologiques**. Paris, Septième Année, Septembre, p. 264-276, 1864b.

KARDEC, Allan. Séance annuelle commémorative des morts - Discours d'ouverture par M. Allan Kardec - Le Spiritisme est-il une religion? **Revue spirite. Journal d'études psychologiques**. Paris, Onzième Année, Décembre, p. 353-362, 1868c.

KARDEC, Allan. Prece de Allan Kardec [02/12/1866]. **Projeto Allan Kardec**. Disponível em: <https://projatokardec.ufjf.br/item-pt?id=179>. Acesso em: 01 out 2023.

ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. In: **Ficção Completa - Vol. II**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 9-385.

SHARP, Lynn. **Secular spirituality - Reincarnation and spiritism in nineteenth-century France**. Lanham: Lexington, 2006.